

Thomas Horst*

Wellington Bernardelli Silva Filho**

O «global player» Anselm Eckart SJ (1721–1809) e sua contribuição à História Natural e Etnografia da Amazônia no século XVIII***

Abstract: Der aus einer vornehmen Mainzer Familie stammende Jesuit Anselm Eckart wirkte (neben anderen deutschsprachigen Ordenspriestern) zwischen 1753 und 1757 als Missionar in Amazonien, wo er insbesondere am Rio Abacaxis und in Trocaco/Borba am Madeirafluss bedeutsame Forschungen auf dem Gebiet der Linguistik, Naturkunde und Zoologie durchführte – ein Gebiet, in dem auch der Co-Autor dieses Beitrags, Thomas Horst, rund 250 Jahre später am Rio Canumã ethnologisch tätig war. Eckart wurde nach seiner Ausweisung nach Portugal im Rahmen der rigorosen Kirchenpolitik des Marquês de Pombal im Jahr 1759 verhaftet und (wie viele seiner Mitbrüder, darunter Laurenz Wilhelm Kaulen SJ und Anton Meisterburg SJ) 18 Jahre lang eingekerkert, wovon seine später in Nürnberg zwischen 1779 und 1803 bei Christoph Gottlieb von Murr gedruckte Schrift «*História Persecutionis Societatis Jesu in Lusitania*» zeugt. Er verbrachte seinen Lebensabend im Jesuitenkolleg von Polazk (Połock, heute in Belarus) und verstarb im hohen Alter von 88 Jahren am 29. Juni 1809 in Dünaburg.

Der vorliegende Beitrag gibt einen Überblick über die Rolle der deutschen Missionare in Amazonien und deren späteres trostloses Schicksal in den Kerkern von Portugal.

* Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Edifício C4, Piso 3, Sala 14, 1749-016 Lisboa, Portugal.

** Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Departamento de História, Av. Roberto Vieira – Coroado, Manaus – AM, Brasil.

*** Dedicamos este texto aos habitantes de Canumã e, em especial, à memória do Padre Pedro Maria Gawlik (1934–2019) que missionou por mais do 50 anos no Amazônia. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto de investigação pós-doutoral de Thomas Horst (<https://orcid.org/0000-0002-0784-7795>), sobre «História da cosmografia e da cartografia (globos, mapas e textos) e das suas relações transculturais na época da primeira globalização» na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Zudem werden die naturkundlichen bzw. zoologischen Beschreibungen Eckarts anhand eines im portugiesischen Nationalarchiv verwahrtem Manuskriptes (ANTT, MNEJ 59 n. 4) näher analysiert.

Keywords: Naturgeschichte Amazoniens, jesuitische Mission in Maranhão, Padre Anselm Eckart SJ (1721–1809), Gründung von Borba, Rochus Hundertpfund SJ (1709–1777).

Palavras-chaves: História Natural de Amazônia, Missão jesuítica no Maranhão, Padre Anselm Eckart SJ (1721–1809), fundação de Borba, Rochus Hundertpfund SJ (1709–1777).

As obras dos jesuítas alemães no Novo Mundo, até nossos dias, foram somente marginalmente tratadas academicamente no contexto das relações luso-alemãs.¹ Isso surpreende, especialmente porque a missão dos jesuítas no Brasil foi muito importante em vários sentidos: econômicos, culturais, educacionais e sociais, e também para o conhecimento da natureza amazônica e dos povos autóctones que nela habitavam.

Um dos protagonistas desse conhecimento, no século XVIII, foi o Padre alemão Anselm Eckart SJ (1721–1809), um real «global player» e mediador cultural que operou em muitos lugares onde o coautor Thomas Horst também pessoalmente conheceu, incluindo a missão de Abacaxis no Amazônia, onde o Eckart viveu entre 1754 e 1755 – aproximadamente 250 anos depois, na Foz do Canumã, localizada na região onde Eckart empreendeu sua missão, Thomas viveu em dois momentos distintos, em 2003 e 2005, para a realização de suas pesquisas etnográficas (Fig. 1).

1 As mais importantes obras para esse tema, com um directório bio-bibliográfico dos jesuítas germanófonos, são o guia de Fernando Amado AYMORE: *Brasilien (1618–1760), (Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-Amerika. Ein bio-bibliographisches Handbuch mit einem Überblick über das außer-europäische Wirken der Gesellschaft Jesu in der frühen Neuzeit, vol. 1)*, Münster 2005, esp. 231–356 e Franz Otto BUSCH SJ: *Brasilienfahrer aus der Gesellschaft Jesu 1549–1756*, in: *Portugiesische Forschungen der Goerres-Gesellschaft* 11 (1974), 215–295 assim como Anton HUONDER: *Deutsche Jesuitenmissionäre des 17. und 18. Jahrhunderts (Ergänzungshefte zu den Stimmen aus Maria Laach 74)*, Freiburg im Breisgau 1899.

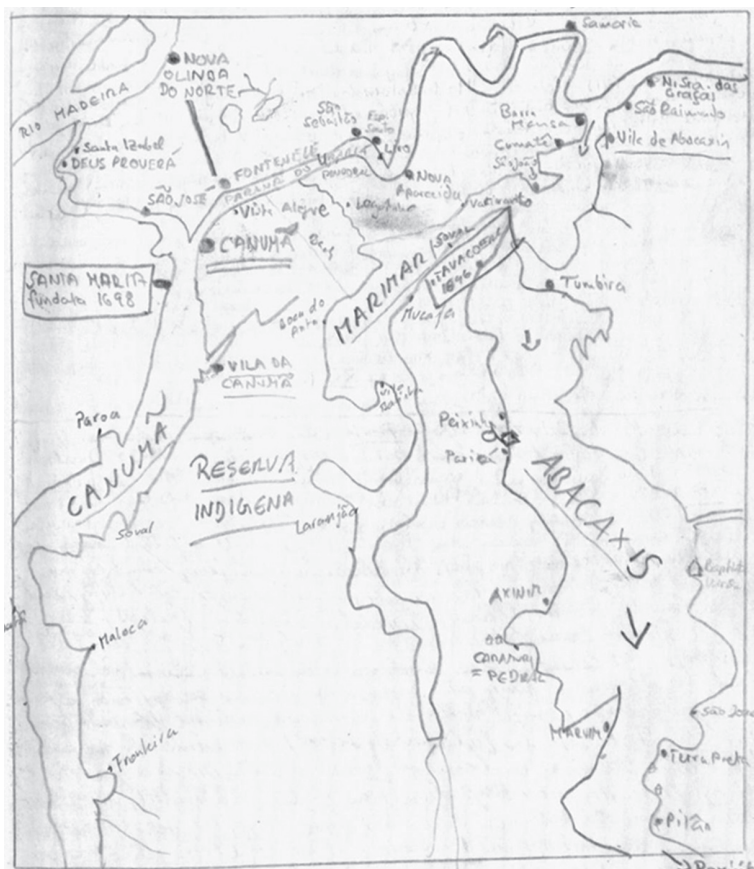


Fig. 1: Mapa da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Canumã (reerguida em 14 de Dezembro 1994). Desenhado por Thomas Horst em seu caderno de anotações de viagem (2003), 52.

1. A primeira missão jesuítica no Maranhão

O historiador português Serafim Leite SJ (1890–1969), que viveu muitos anos no Brasil sublinhou, em sua obra monumental, a «*História da Companhia de Jesus no Brasil*», que apenas 13 anos depois da criação dessa nova ordem religiosa

deu-se a primeira missão no Brasil (1553).² A congregação «*Societas Jesu*» foi fundada em 1534, primeiro informalmente por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola (Inácio de Loyola, 1491–1556), e depois, em 1540, formalmente reconhecida por bula papal.³ O objetivo principal dessa ordem era a catequização nos «Novos Mundos», mas muitos membros da ordem foram também ativos como participantes no tempo dos descobrimentos, muitas vezes figurando entre os primeiros cientistas naturais da Idade Moderna.⁴

O chefe da primeira missão jesuítica à América foi o português sacerdote Manuel da Nóbrega (1517–1570), que iniciou com a sua «*Informação da Terra do Brasil*» (1549) um novo gênero de literatura sobre os descobrimentos e que contém as primeiras descrições etnográficas do Novo Mundo⁵: as cartas jesuíticas. Um século depois (em 1615), a vice-província Maranhão foi instaurada no norte do Brasil, onde operou o famoso Padre e «*Paiáçu*» (grande pai, na língua Tupí) Antonio Vieira SJ (1608–1697), que defendeu incansavelmente os direitos dos povos indígenas combatendo a sua exploração, escravização e fazendo a sua evangelização.⁶ O Padre Johann Philipp Bettendorff SJ (1625–1698, natural de Luxemburgo) apossa-se dessa herança missionária, influenciando a formação

-
- 2 Serafim LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 1, Lisboa 1938, 509–512. Essa obra fundamental foi publicada em dez volumes entre 1938 até 1950. Cf. também Fernando Amado AYMORÉ: *Die Jesuiten im kolonialen Brasilien. Katechese als Kulturpolitik und Gesellschaftsphänomen (1549–1760)*, (Europäische Hochschulschriften, Reihe III, 1069), Frankfurt am Main et al. 2009, 83.
 - 3 Rita HAUB: *Die Geschichte der Jesuiten*, Darmstadt 2007, 7–35 [sobre Loyola e a fundação da Companhia de Jesus]. Cf. também os documentos essenciais sobre a história: <https://jesuitportal.bc.edu/research/documents/> (28/07/2020) e para a bibliografia dos padres: <https://jesuitonlinebibliography.bc.edu/> (28/07/2020).
 - 4 Rita HAUB: *Sonne, Mond und Sterne. Jesuiten als Entdecker* (Topos-plus-Taschenbücher 642), Kevelaer 2008; Agustín Urdías VALLINA: *Jesuit Contribution to Science: A History*, Cham 2015, esp. 105–132 [«Naturalists, Geographers and Explorers»].
 - 5 Serafim LEITE SJ: *Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)*, (Basiliana Série 5/194), São Paulo 1940; Serafim LEITE SJ: *As primeiras cartas dos Jesuítas do Brasil para o conhecimento de América (1549–1562)*, in: *Studi Colombiani* 2 (Genova 1952), 581–588. Cf. em geral: Simão de VASCONCELLOS SJ: *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do novo mundo*, 2 vols., Lisboa 2^a1865.
 - 6 Maria Manuela Lopes CARDOSO: *Antônio Vieira. Pioneiro e paradigma de interculturalidade*, Lisboa 2001; Thomas M. COHEN: *The fire of tongues. Antônio Vieira and the missionary church in Brazil and Portugal*, Stanford/California 1998.

da sociedade colonial na Amazônia seiscentista.⁷ Ele escreveu também, em 1699, uma biografia sobre o sucessor de Vieira, Jodocus Perret SJ (1633–1707)⁸. Esse Padre suíço, oriundo de Friburgo, estudou primeiro filosofia e teologia no Ingolstadt, chegou ao Novo Mundo em 1678 e dirigiu a missão do Maranhão-Pará por mais de 20 anos. Da sua pena temos o «*Regimento das Missões*» (escrito 1686), um conjunto das regras para a administração das missões em 24 artigos.⁹ Após ser expulso do Pará, Perret teve um retorno bastante turbulento a Europa, sendo capturado por piratas. Todavia, conseguiu chegar a salvo em Portugal, onde ficou de 1684 a 1687, ano que finalmente conseguiu retornar a Amazônia.¹⁰

1.1 Jesuítas germanófonos na Missão do Rio Abacaxis/Canumã

Em 1703, na 34ª expedição, um outro sacerdote, Franz Xaver Malowetz SJ (1679–1709)¹¹, oriundo de Praga na Boêmia, viajou via Lisboa para Maranhão, junto com 10 confrades portugueses e Johann (Hans) Xaver Treyer SJ (1668–1737, natural de Bríxia), um escultor tirolês que ensinou os jovens indígenas no colégio de Belém, no Pará, na arte e escultura em madeira, morrendo em um acidente de barco no Pará em Maio de 1737.¹²

7 Cf. o artigo do nosso amigo Antonio José Alves de OLIVEIRA nessa antologia e Karl Heinz ARENZ: *De l'Alzette à l'Amazone*. Jean-Philippe Bettendorff et les jésuites en Amazonie portugaise (1661–1693), (Publications de la Section Historique de l'Institut G.-D. de Luxembourg 120), Luxembourg 2008; *IDEM*: *Do Alzette ao Amazonas: vida e obra do padre João Felipe Bettendorff (1625–1698)*, in: *Revista de estudos amazônicos* V/1 (Belém, 2010), 25–78.

8 Fernando Amado AYMORÉ: *Jesuiten aus Bayern in Brasilien im 17. und 18. Jahrhundert: Pater Jodocus Perret und sein Missionsregelwerk für Amazonien (1686)*, in: Peter Claus HARTMANN/Alois SCHMID (ed.): *Bayern in Lateinamerika. Transatlantische Verbindungen und interkultureller Austausch* (Zeitschrift für Bayerische Landesgeschichte, Beiheft 40), München 2011, 117–133, aqui: 123; Johann Philipp (João Felipe) BETENDORF SJ: *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão [1699]*, in: *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 72/1 (1910), 1–697, aqui: 357–697.

9 AYMORÉ: *Jesuiten aus Bayern in Brasilien*, 125–133.

10 AYMORÉ: *Brasilien*, 307–314, esp. 309–310.

11 AYMORÉ: *Brasilien*, 299–301; BUSCH: *Brasilienfahrer*, 258; LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 4, Lisboa 1943, 346.

12 AYMORÉ: *Brasilien*, 350–352 referencia dois púlpitos na igreja Santo Alexandre em Belém e várias pinturas à óleo dele, cf. também Carl Borromaeus EBNER: *Hans Xaver Treyer, ein deutscher Bildschnitzer in Belém do Pará 1703*, in: *Südamerika. Drei-Monatsschrift in deutscher Sprache* 7 (1956/1957), 274–275 e Renata Maria de

O Padre Malowetz fundou a primeira missão no rio Canumã¹³, um afluente do Rio Madeira no Amazônia, onde moravam também (provavelmente ainda no ano 1707) o irmão leigo Johann Grueber (1677–1710)¹⁴, um farmacêutico de Trento, que antes trabalhou em Munique e no Colégio em Ebersberg, e o Padre Johann Veneranus Friedrich Ingram SJ da província da Alemanha Superior (1674–1709, oriundo da Innsbruck)¹⁵. Mas aparentemente essa primeira missão terminou rapidamente devido a uma epidemia local, que vitimizou os primeiros três protagonistas.¹⁶

Um outro missionário português e maior apóstolo da região, Frei João Sampaio SJ (1680–1743)¹⁷, de Abrunheira (Dioc. de Coimbra), começou a sua atividade na missão em Canumã e Abacaxis por volta de 1712, mais tarde subiu o rio Madeira catequizando os povos nativos da região, onde ele fundou diversas aldeias como a missão do Santo António nas Cachoeiras (Porto Velho/Rondônia, na margem do igarapé entre o Rio Jamari e a primeira cachoeira do Rio Madeira) que foi transferida em 1742, para a vila do Trocano (fundado 1728).¹⁸

ALMEIDA MARTINS: *Tintas da Terra, Tintas do Reino. Arquitetura e Arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653–1759)*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, vol. II, São Paulo 2009, 177–184.

- 13 AYMORÉ: *Brasilien*, 284 & 300 confunde a missão no Camamu (estado de Bahia) com a aldeia de Canumã, perto do Rio Madeira (Amazônia), que o coautor desse artigo conhece bem, cf. também LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 3, Lisboa 1943, 387–389.
- 14 AYMORÉ: *Brasilien*, 348; AYMORÉ: *Jesuiten aus Bayern in Brasilien*, 125. BUSCH: *Brasilienfahrer*, 259 presume que um «João Gruber» passou pelo Brasil já em 1705, porém, ao menos até 1707, os registros mostram que o farmacêutico Gruber exercia o ofício de professor de gramática na Suíça. Apesar de sabermos que ele nasceu em 3 de Abril 1677, seu local de nascimento é até hoje desconhecido.
- 15 AYMORÉ: *Brasilien*, 285–297; AYMORÉ: *Jesuiten aus Bayern in Brasilien*, 123; HUONDER: *Deutsche Jesuitenmissionäre*, 158; Johann MAINKA: *Historiografia alemã sobre a companhia de Jesus*. Pesquisas recentes sobre os Jesuítas e a sua atuação nas Américas Portuguesa e Espanhola, in: *Diálogos* 15/1 (2011), 199–229, aqui: 204–205.
- 16 Franz Xaver Malowetz morreu em 16 de janeiro de 1709 em Canumã; Johann Veneranus Friedrich Ingram algumas semanas depois (20 de Maio) no mesmo lugar. Aparentemente o Grueber depois abandonou a missão, morrendo em Novembro do ano seguinte, em Belém do Pará onde atuava como farmacêutico, cf. AYMORÉ: *Brasilien*, 348.
- 17 Serafim LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 9, Lisboa 1949, 112 cita uma carta dele ao P. Filipe Luiz, Procurador da Missão do Maranhão em Lisboa, escrito da Aldeia de Vera Cruz dos Abacaxis, 11 de Janeiro de 1724 (Biblioteca nacional de Portugal, Fundo Geral 4517, f. 80).
- 18 J. Bento José de SOUZA: *II Centenário de Borba*, Borba 1956 (panfleto).

A condução das questões administrativas da aldeia, assim como as responsabilidades missionárias e espirituais dos indígenas, se mantiveram com os jesuítas até o ano de 1755.

1.2 Rochus Hundertpfund (1709–1777) inicia novos missionários alemães

Distante a uma viagem de cerca de dois dias, missionou entre 1742 e 1746 um outro jesuíta, Padre Rochus Hundertpfund SJ (1709–1777) de Bregenz/Áustria¹⁹, no rio Abacaxis onde havia «grande malocas à moda indígena, onde moravam 100 pessoas em cada qual»²⁰. Essa missão Abacaxis, que foi fundada pelo missionário João da Silva em 1696 num «bom sitio, aprazível, boas terras, bons ares, muita caça e peixe»²¹, mudou várias vezes de localização, e mais tarde também foi chamado «*Aldeia de Santa Cruz*», reassentada em uma colina. Para localizar exatamente esse lugar, Thomas Horst viajou com o Padre Pedro Maria Gawlik (1934–2019) pessoalmente em 4 de Maio de 2005, visitando a vila de Abacaxis no Rio de mesmo nome. Perto do igarapé do Rio Mari-Mari fica hoje a vila do São João onde Padre Pedro construiu uma cruz no tricentenário da evangelização, em 3 de Dezembro 1995, local esse debuxado por Thomas em seu caderno de anotações durante sua pesquisa de campo, onde também tirou uma fotografia da cruz (Fig. 2).

19 AYMORÉ: *Brasilien*, 276–278; AYMORÉ: *Jesuiten aus Bayern in Brasilien*, 122; BUSCH: *Brasilienfahrer*, 267; HUONDER: *Deutsche Jesuitenmissionäre*, 30 & 158; Ferdinand STROBEL SJ: «Hundertpfund, Rochus (1709–1777)» & «Hundertpfund, Sebastian (1700–1768)», in: Charles Edwards O'NEILL/Joaquín María DOMINGUEZ (coord.): *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús (DHCJ)*, vol. II, Roma 2001, 1973.

20 Serafim LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 3, Lisboa 1943, 388: A aldeia de Abacaxis aparece em 1730 com 932, distinta da aldeia de Canumã com 425 habitantes.

21 *Ibidem*, 387; BETENDORF SJ: *Crônica*, 37 («é bom povoada de índios; está perto da bocaina do rio da Madeira, cuja residencia que havia nos *Iruiris* se deixou por muito doentia»). O Luso-Brasileiro João da Silva, natural de Maranhão, chegou lá, junto com o Padre Bettendorff, na 26ª expedição dos jesuítas em 3 de Agosto 1688, cf. LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. IV (1943), 343.



Fig. 2: Em memória do tricentenário da evangelização o Padre Pedro construiu uma cruz perto do igarapé do Rio Mari-Mari, na vila do São João, em 1995. Fotografia de Thomas Horst (2005).

Seja onde for essa primeira aldeia, onde moravam cerca de 500 indígenas²², o jesuíta Hundertpfund escreveu uma carta de lá, por intermédio do padre José Ritter, confessor da rainha Maria Anna de Austria (1683–1754, rainha desde 1708), em 15 de Setembro de 1746.²³ Importante sublinhar que a filha do

22 BETENDORF SJ: Crônica, 615–616: «Tendo chegado o Padre João da Silva com seu companheiro, o irmão Antonio Rodrigues á aldéa dos Abacaxises, logo tratou de ensinál-os, baptisar uns e casar outros; os meninos que se baptisaram foram muitos; os mais se foram se baptisando, conforme e permittiam as circumstancias».

23 Karl Heinz ARENZ/Gabriel de Cássio PINHEIRO PRUDENTE: Os padres «tapuítinga»: a atuação de jesuítas alemães na Amazônia pombalina 1750–1757, in: Encontro Internacional de História Colonial Cidade da Bahia: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades. Anais Eletrônicos [do] 6. Encontro Internacional de História Colonial: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades, Salvador 2017, 950–963, aqui: 951.

imperador Leopoldo I (†1705) quem iniciou uma nova atividade com outros 12 missionários alemães na Amazônia: podemos pressupor que ao longo de período, quando Hundertpfund preparava a sua viagem em Lisboa entre 1738/1739, ele encontrou várias vezes com a rainha, como muitos outros jesuítas com os quais ela esteve também em contato. Em sua carta, Hundertpfund conta que tentou evangelizar os povos indígenas no Abacaxis, mas sem grande sucesso, o que o entristeceu enormemente²⁴.

Por isso, uma mudança de local foi necessária e o padre Rochus acompanhou no ano 1747 o grande padre jesuíta italiano Gabriel Malagrida SJ (1689–1761)²⁵, que chegou na Amazônia em 1721, e missionou de forma itinerante em vários lugares com muito sucesso. O destino dele está diretamente ligado a outros jesuítas alemães que foram enviados para Amazônia entre 1750 e 1753. Isso só foi possível porque o Padre Hundertpfund, agora procurador da província dos jesuítas no Maranhão, retornou a Portugal em 1749 para relatar a sua mecnas sobre a missão amazônica.²⁶ A missão foi bem-sucedida porque a rainha aprovou um reforço numérico do contingente missionário da língua alemã que foram chamadas »tapuitinga«, que em Língua Geral significa «bárbaro branco»²⁷: no ano posterior, os Padres Laurenz Wilhelm Kaulen SJ (1716–ca. 1797)²⁸ de Colônia, e o Anton Meisterburg SJ (1719–1799)²⁹ de Bernkastel-Kues

24 Hans ZIPF SJ: P. Rochus Hundertpfund S.J. aus Bregenz, ein Amazonasmissionar des 18. Jahrhunderts, in: Montfort. Vierteljahresschrift für Geschichte und Gegenwart Vorarlbergs 28 (1976), 109–143, aqui: 123.

25 Ilário GOVONI: Padre Malagrida. O missionário popular do Nordeste (1689–1761), Porto Alegre 1992.

26 ARENZ/PINHEIRO PRUDENTE: Os padres «tapuitinga», 951.

27 *Ibidem*, 953.

28 AYMORÉ: Brasilien, 285–297; HUONDER: Deutsche Jesuitenmissionäre, 30 & 158; Serafim LEITE SJ: História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. 8, Lisboa 1949, 307–312; Fernando TORRES LONDOÑO: Do Exílio, um Futuro para o Amazonas. João Daniel e o aproveitamento das riquezas do rio/From the Exile, a Future for the Amazon River. João Daniel and the exploitation of the River's sources of Wealth, in: Projeto História, São Paulo, n. 52 (Jan.-Abr. 2015), 76–111, aqui: 88. Como Uwe GLÜSENKAMP: Das Schicksal der Jesuiten aus der oberdeutschen und den beiden rheinischen Ordensprovinzen nach ihrer Vertreibung aus den Missionsgebieten des portugiesischen und spanischen Patronats (Spanische Forschungen der Görresgesellschaft, 2. Reihe, 40), Münster 2008, 154–155 menciona que o Kaulen depois a libertação em 1777 ficou em Lisboa e foi envolvido num exorcismo.

29 AYMORÉ: Brasilien, 301–304; Carl Borromaeus EBNER: Ein großer rheinischer Missionar am Amazonas des 18. Jahrhunderts, in: Heimatkalender für den Kreis Bernkastel 6 (1961), 65–71.

chegaram ao Maranhão. Três anos depois, mais seis jesuítas foram enviados ao Brasil, entre eles o Padre Heinrich Hoffmayer SJ (1721–1757?)³⁰ de Viena, o Joseph Kayling SJ (1725–1791)³¹ da Eslováquia, o importante cartógrafo e astrônomo croata Ignaz Szentmartonyi SJ (1718–1793)³², o matemático e cartógrafo húngaro Johann Nepomuk Szluha SJ (1723–1803)³³, e finalmente o nosso protagonista, Anselm Franz Dominik Eckart.

1.3 A vida e obra do Padre Anselm Eckart SJ (1721–1809)³⁴

Nascido em Mogúncia em 1721 e descendente de uma distinta família de funcionários públicos, o naturalista Anselm Eckart ingressou na Companhia de Jesus com 19 anos, na província do Alto Reno. No colégio dos jesuítas em Mogúncia, onde havia estudado antes filosofia, o jovem Anselm passou o seu

30 AYMORÉ: Brasilien, 271–273.

31 AYMORÉ: Brasilien, 297–299.

32 Em 1752 Szentmartonyi foi nomeado astrônomo da Corte Real de Lisboa, pagando sua promessa em 2 de Fevereiro de 1753. Até 1769 ele trabalhou como geógrafo e cartógrafo no Rio Negro numa primeira comissão de Dom João V para o esclarecimento das fronteiras com a América espanhola. Estas passagens estão documentados em «*Sequentes notiatas de Rio Negro*» (Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro, Seção de manuscritos: Notícias dadas pelo Padre Inácio San Martoni, Localização: 01,01,018); transcrição de Robin M. WRIGHT: History and religion of Baniwa peoples of the Upper Rio Negro valley. PhD Thesis. Stanford, University of California 1981, 600–612. Cf. também Mirela ALTIC: Missionary Cartography of the Amazon after the Treaty of Madrid (1750): The Jesuit Contribution to the Demarcation of Imperial Frontiers, in: *Terrae Incognitae* 46/2 (September 2014), 69–85; AYMORÉ: Brasilien, 338–340; Dóra BABARCZI: A actuação do padre Inácio Szentmártonyi, astrônomo húngaro nas demarcações dos limites na América do Sul (1754–1756), in: *Acta Universitatis Szegediensis, Acta Hispanica* 12 (2007), 89–99; Miko KORADE: Szentmártony, Ignacije, in: Charles Edwards O'NEILL – Joaquín María DOMINGUEZ (coord.): *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús (DHCJ)*, vol. 4, Roma 2001, 3681. Sobre a cartografia nessa época cf. André Ferrand de ALMEIDA: *A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa (1713–1748)*, Lisboa 2001.

33 AYMORÉ: Brasilien, 341–343.

34 Sobre sua vida cf. AYMORÉ: Brasilien, 247–254; Wilhelm KRATZ SJ: Neue Daten zum Leben des P. Anselm von Eckart SJ, in: *Archivum Historicum Societatis Iesu* 7 (1938), 97–104; Christoph NEBGEN: Inter spem et metum. Die Vita des Mainzer Jesuiten Anselm Eckart (1721–1809), in: *Archiv für mittelherrheinische Kirchengeschichte* 55 (2003), 297–332; Luis PALACÍN: Eckart, Anselm, in: O'NEILL/DOMINGUEZ (coord.): *DHCJ*, vol. 2, Roma 2001, 1176.

noviciado. Durante seu «magisterium» deu aulas sobre gramática no Colégio dos Jesuítas de Mannheim (1743–1746, onde ele auxiliou também na biblioteca) e sobre retórica, poesia e música em Heidelberg (1746–1748, onde ele dirigiu um coral).

Essas atividades multifacetadas abriam o seu caminho para estudar teologia novamente em Mainz (1749–1752), onde foi ordenado. Em 19 de Agosto de 1752 ele se encontrava em Lisboa, para onde viajou, junto com o Padre Martin Joseph Schwartz SJ (1718–1788)³⁵, de Amberg na Baviera, em um barco inglês desde Génova. Em Portugal preparou-se durante dez meses, provavelmente no Colégio de Santo Antão, para aprender a língua portuguesa antes de seguir para a América do Sul.³⁶

Junto com outros jesuítas novatos ele chegou em São Luís do Maranhão em 12 de Julho de 1753. Pouco conhecimento possuímos sobre seus primeiros meses no Novo Mundo, mas provavelmente ele acompanhou o Padre Malagrida primeiro para o Pará.³⁷ Depois ele foi missionário auxiliar junto com Padre Eusébio da Costa SJ (natural da vila da Condeixa, em Portugal, chegando ao Brasil em 1731)³⁸ na missão Piraguairí no Rio Xingú, onde ele aprendeu o quotidiano de um missionário e a língua indígena. Em 1754, as fontes documentais apontam que ele esteve na missão Abacaxis, onde pagou uma promessa em 10 de Outubro 1755 na presença do Padre Meisterburg.³⁹ Ali, ele realizou pesquisas de grande interesse para a História Natural, Etnologia e Linguística.⁴⁰

35 AYMORÉ: *Brasilien*, 323–325.

36 NEBGEN: *Inter spem et metum*, 309.

37 Christoph Gottlieb von MURR (ed.): «R. P. A. E. Historia Persecutionis Societatis Iesu in Lusitania», in: *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Literatur* 7, Nürnberg 1779, 294–320, aqui: 299; NEBGEN: *Inter spem et metum*, 310.

38 LEITE: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 4, Lisboa 1943, 353.

39 Archivum Romanum Societas Iesu (ARSI, Roma), Lus. 17, fol. 186r/187v. Quando a mãe do Padre Meisterburg, Susanna Heintz, soube que o filho dela chegou seguro na Amazônia, ela doou uma estátua de S. Francisco Xavier para o novo altar da igreja S. Michael em Bernkastel. Em baixo dessa estátua, ainda hoje preservada no mesmo local, estão esculpidos as imagens de um africano e de um indígena, cf. Wolfgang GILLES: *Von der Mosel zum Amazonas. Zur Erinnerung an den Bernkasteler Jesuitenpater Anton Meisterburg*, in: *Kreisjahrbuch Landkreis Bernkastel-Wittlich, Monschau* 2000, 356. Para as solenidades relativas ao 200º aniversário de falecimento de Meisterburg, em 1999, uma ruela perto da igreja foi nomeado com seu nome.

40 Nós sabemos, por exemplo, que o Eckart deixou «algumas trouxas com penas europeias no chão, as quais encontrei. Cedo no dia seguinte, picadas grosseiramente pelos ratos» cf. Nelson PAPAVERO/Marcia SOUTO COURI/Dante MARTINS TEIXEIRA/Abner

Essa aldeia fica mais ou menos perto da missão Trocano, que era a mais alta povoação do Rio Madeira, mas somente esteve sob comando dos jesuítas durante 14 ou 15 anos. Foi o Padre Aleixo Antônio que trouxe para Trocano muitos indígenas do Rio Negro, visto que ali já estavam erguidas boas casas e angariavam-se fundos para a construção de uma igreja.⁴¹

1.3.1 *A fundação da vila de nova Borba – a ultima missão amazônica de Eckart*

Pela Carta Régia de 3 de Março de 1755, cria-se a Capitania de São José do Rio Negro, que originou, o Estado do Amazonas.⁴² Alguns meses depois, durante o início de Julho, Anselm foi transferido para Trocano porque três missionários lusitanos (um deles, padre de nome Antônio José)⁴³, foram expulsos pelo irmão do Marquês do Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1701–1769)⁴⁴,

CHIQUIERI: As notas do Padre Anselm Eckart, S.J., sobre alguns animais do Estado do Grão-Pará e Maranhão (1785), in: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas 6/3 (set.-dez. 2011), 593–609, aqui: 603. Na sua obra publicada em 1785, ele também descreve os peixes da Amazônia: ANSELM ECKART: Des Herrn P. Anselm Eckart, ehemaligen Glaubenspredigers der Gesellschaft Jesu in der Capitanía von Pará in Brasilien, Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien, und zu Herrn Rectors Christian Leiste Anmerkungen im sechsten Lessingischen Beytrage zur Geschichte und Litteratur, aus den Schätzen der Herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbüttel, Braunschweig, 1781, in: Christoph Gottlieb von MURR (ed.): Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika, Nürnberg 1785, 451–597 & 598–614, facsimilado de Nelson PAPAVERO/Antonio PORRO (ed.): Anselm Eckart, S. J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista (1785), Belém 2013, 151–315 (Apêndices I e II) com tradução de Thekla HARTMANN (54–120) e de Claude PAPAVERO (121–128); compara com o manuscrito de José Caieiro SJ «*Apoloogia da Companhia de Jesus*» (1757–1759) na Biblioteca nacional de Portugal, A.T./L. 3a, online: <http://purl.pt/35825> (03/08/2020), cf. COUTO: A expulsão dos jesuítas, 44, No. 4.

- 41 LEITE SJ: História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. 3, Lisboa 1943, 403.
- 42 Para uma introdução na história desse Estado cf. Márcio SOUZA: Breve História de Amazônia: a incrível história de uma região ameaçada contada com o apaixonado conhecimento de causa de um nativo, Rio de Janeiro 2001.
- 43 José CAIEIRO SJ: História da expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal, vol. 1, Lisboa/São Paulo 1991, 56–58 & 303; COUTO: A expulsão dos jesuítas, 149, No. 281.
- 44 Lucas Onesti RICHARDSON: «For the good of the King's Vassals». Francisco Xavier de Mendonça Furtado and the Portuguese Amazon, 1751–1759, PhD University of Kentucky 2015.

que era então Governador e Capitão General do Grão Pará e Maranhão⁴⁵. Ao que parece, sua chegada não diminuiu as animosidades entre os agentes da Coroa e os jesuítas, visto que o próprio Eckart aparenta não ter estabelecido boas relações com Mendonça Furtado. A intenção da Coroa em ocupar a região com um assentamento ou guarda militar permanente, e com isso coibir o tráfico de ouro que escoava pela região desde Cuiabá⁴⁶, não foi bem aceita pelos missionários – que possivelmente temiam a perda de influência e poder no local. Em carta endereçada do Arraial de Mariuá ao seu irmão Pombal em 15 de Novembro de 1755, Mendonça Furtado expressa que «naquelas missões estão uns alemães, e um deles sumamente precipitado e absoluto» que se opõem de maneira vigorosa a construção de uma vila na região⁴⁷. Entretanto, em 20 de Dezembro de 1755, Mendonça Furtado foi pessoalmente para Trocano elevando a nova aldeia algumas dias depois, em 1 de Janeiro de 1756, à categoria de Vila, a primeira vila do Amazonas, que recebeu o nome de Borba, a Nova.⁴⁸

Eckart foi convidado a assistir a solene inauguração da Vila, edificada sob uma clareira na mata, e comemorada juntamente com os habitantes ao som de trombetas e tiros de duas peças de artilharia existentes na missão, os quais saudaram estrondosamente o levantamento desta vila.⁴⁹ Mas já depois alguns

-
- 45 Joaquim Antero Romero de MAGALHÃES: Um novo método de governo: Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador e Capitão-General do Grão-Pará e Maranhão (1751–1759), in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 165, nº 424 (2004), 183–209; Fabiano Vilaça dos Santos: O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751–1780). Tese de Doutorado em História, Universidade São Paulo 2008.
- 46 Marco Carneiro de MENDONÇA (ed.): A Amazônia na era pombalina. Correspondência do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751–1759, 2ª ed. (Edições do Senado Federal, vol. 49), vol. 2, Brasília 2005, 223–225: 89ª Carta, escrito em Pará, 16 de Setembro de 1754.
- 47 MENDONÇA (ed.): A Amazônia na era pombalina, vol. 2, 525–527: 136ª Carta, escrito em Arraial de Mariuá, 15 de Novembro de 1755 [tratava «da resolvida fundação da Vila de Borba, a nova, sendo que alí o Tenente Diogo Antônio vinha tendo dificuldades com o padre missionário da aldeia do Trocano, que ia passar a vila»].
- 48 A pequena aldeia Trocano ainda existe no Rio Madeira. Fica perto de Borba, hoje um município com mais de 40.000 habitantes. Para mais informações sobre sua história cf. Sebastião A. FERRARINI: Borba: A primeira vila do Amazonas, Manaus 1981.
- 49 Inmaculada FERNÁNDEZ ARRILLAGA: Deportação do Brasil e prisão nos cárceres portugueses de um jesuíta alemão: O P. Anselmo Eckart, in: Brotéria 156/2 (Fevereiro 2003), 171–187, aqui: 175–177.

meses, Eckart foi destituído e enviado para Belém (Pará)⁵⁰; seu confrade Meisterburg ainda ficou alguns meses mais na missão de Abacaxis, de onde escreveu duas cartas para o governador.⁵¹

As duas peças da artilharia, que eram utilizadas em solenidades e festas religiosas importantes em Borba⁵², foram a derradeira causa de sua perdição: se antes os portugueses estavam receosos que os missionários alemães pudessem erguer missões aos moldes das fundadas ao sul da América espanhola pelos jesuítas, especialmente no Paraguai entre 1609 e 1768,⁵³, foi com muitas

-
- 50 AYMORÉ: *Brasilien*, 249, menciona que ele foi destituído já em 13 de Junho de 1756, mas manuscritos na Biblioteca Nacional de Portugal provam que Eckart ficou provavelmente até Outubro em Borba, cf. PBA (Pombaliana) 642/68 «*Rol de alguns trastes da Missão q[ue] era dos Tocano, hoje Villa de Borba a Nova depositados na ditta Villa por serem empedidos por ordem do Ex[celentíssimo] Governador e Cappitam Gen[er]al deste Estado, S[e]n[ho]r Fran[cis]co Xavier de Mendonça Furtado, pertendendo Eu levallos pella ordem que tinha do meu Prelado o M[uito] R[everen]do P[adre] Fran[cis]co de Toledo da Co[m]p[anhi]a de JESUS, Visitador geral, e vice Provincial da Prov[inci]a do Maranhão*» e PBA (Pombalina) 622, fol. 213r/214v (cópia duma carta que o Eckart escreveu no dia 12 de Outubro 1756).
- 51 As duas cartas escreveu de Meisterburg ao Francisco Xavier de Mendonça Furtado no Abacaxis em 3 de Setembro e 29 de Outubro de 1756 estão preservadas na Biblioteca Nacional de Portugal, PBA (Pombalina) 622, fol. 207r-208v e 220r/v. A primeira carta fala da fuga de alguns indígenas e o homicídio deles pela tribo dos Muras. Na segunda carta, o Meisterburg comunica ao governador que enviará alguns indígenas de confiança para o trabalho servil; ao mesmo tempo expressa sua felicidade que ninguém da família do Pombal morreu no terremoto em Portugal.
- 52 Eckart defendeu essas canoas mais tarde, que foram usadas para a defesa da missão contra os guerreiros da tribo Mura, bem como para a salva de tiros em comemoração ao aniversário do Rei, cf. ECKART: *Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien* [1785], 483–484, citado também de José CAEIRO SJ: *História*, 303; GLÜSENKAMP: *Das Schicksal der Jesuiten*, 164; NEBGEN: *Inter spem et metum*, 313. MENDONÇA (ed.): *A Amazônia na era pombalina*, vol. 3, 119–123: 151ª Carta, escrito em Arraial de Mariuá, 12 de Outubro de 1756. O artigo de ARENZ/PINHEIRO PRUDENTE, *Os padres «tapuitinga»*, 955 menciona também outras fontes documentárias.
- 53 Philip CARAMAN: *Ein verlorenes Paradies. Der Jesuitenstaat in Paraguay*, München 1979; Peter Claus HARTMANN: *Der Jesuitenstaat in Südamerika 1609–1768. Eine christliche Alternative zu Kolonialismus und Marxismus*, Weissenhorn 1994; Thomas LANGE: *Soutanenkerne oder heiliges Experiment? Die Jesuiten-Reduktionen in Paraguay im europäischen Urteil*, in: Karl-Heinz KOHL (ed.): *Mythen der Neuen Welt. Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas* [eine Ausstellung des 2. Festivals der Weltkulturen Horizonte '82, Lateinamerika; Berlin, 13. Juni – 29. August 1982], Berlin 1982, 210–223.

suspeitas que eles observaram as armas de artilharia nas mãos dos jesuítas, visto que essas que podiam ser usadas em um levante contra as forças lusas.

A vida cotidiana das reduções paraguaias foi documentada e ilustrada pelo Padre e naturalista Florian Paucke SJ, da Silésia (1719–1780) em seu famoso livro «*Iconografía Colonial Rioplatense*» (1749–1767)⁵⁴ que foi produzido durante as guerras guaraníicas⁵⁵. O objetivo principal dessas reduções jesuíticas autossuficientes, possuidoras de uma complexa infraestrutura administrativa, econômica e cultural, foi o de criar uma sociedade com os benefícios e qualidades da sociedade cristã europeia na América. Por isso, os jesuítas se tornaram suspeitos – especialmente depois do tratado de Madrid (1750)⁵⁶ – de tentar criar um império independente, o que foi um dos argumentos usados na intensa campanha difamatória que acabou por resultar na sua expulsão das colônias a partir de 1759.⁵⁷

1.3.2 A expulsão dos jesuítas e os 18 anos de cárcere

Todavia, a trajetória dos jesuítas alemães na América portuguesa foi prematuramente interrompida. Com a morte da rainha Maria Anna de Áustria, em 14 de Agosto 1754, eles perderam sua principal mecenas e protetora. O Padre Hundertpfund foi uma das primeiras vítimas: expulso da América de Sul e enviado

54 O manuscrito original ilustrado (preservado na abadia do Zwettl na Baixa Áustria) é uma rica fonte documental. Sobre Paucke cf. Renée GICKLHORN: *Missionsapotheker. Deutsche Pharmazeuten im Lateinamerika des 17. und 18. Jahrhunderts* (Veröffentlichungen der Internationalen Gesellschaft für Geschichte der Pharmazie e.V., Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft 39), Stuttgart 1973, 71–80 e Angelika KITZMANTEL: *Die Jesuitenmissionare Martin Dobrizhoffer und Florian Paucke und ihre Beiträge zur Ethnographie des Gran Chaco im 18. Jahrhundert*, PhD Universität München, 2004.

55 Jorge COUTO: *As missões americanas na origem da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e seus domínios ultramarinos*, in: *IDEM* (ed.): *A expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses: catálogo das obras da Biblioteca Nacional de Portugal*, Lisboa 2009, 9–32, aqui: 14–22.

56 Mário Clemente FERREIRA: *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional. Os Trabalhos Demarcadores das Partidas do Sul e a sua Produção Cartográfica (1749–1761)*, Lisboa 2001.

57 Sobre a expulsão dos jesuítas: José CAEIRO SJ: *Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal (Século XVIII)*. Primeira Publicação após 160 anos do manuscrito inédito, Salvador [1776] 1936; Mar GARCÍA ARENAS: *Portugal y España contra los jesuitas. Las monarquías ibéricas y la Compañía de Jesús (1755–1773)*, Madrid 2014; 33–138.

à Lisboa já em 1755⁵⁸, chegando na capital de Portugal apenas 18 dias depois o terremoto que a devastou em 1 de Novembro⁵⁹.

Enquanto o poderoso Secretário de Estado do Reino, primeiro-ministro naturalista e racionalista Sebastião José de Carvalho e Melo (1699–1782, o Marquês de Pombal e Conde de Oeiras)⁶⁰ reformou a cidade de Lisboa, o Padre Malagrida publicou alguns meses depois os sermões da penitências e morais («*Juizo da verdadeira causa do terremoto*»), onde, contrastando com os empreendimentos de reforma da cidade, reputava a catástrofe como sendo um castigo divino – sendo por consequência banido para Setúbal. Nesta cidade, Malagrida recebia visitas de muitas pessoas conservadoras, que o consideravam um homem sábio e santo, entre as quais membros da família Távora.⁶¹

O suposto atentado ao Rei português Dom José I (O Reformador, 1714–1777), que foi ferido com um tiro em seu coche em 3 de Setembro de 1758, quando voltava de uma aventura amorosa do palácio da família Távora para Belém, culminou no processo dos Távoras.⁶² Isso proporcionou a Pombal a ocasião para perseguir também o padre Malagrida ainda com mais rigor, acusando-o de colaboração na tentativa de regicídio e mandando-o prender. Foi o clérigo português,

58 Inmaculada FERNÁNDEZ ARRILLAGA/Mar GARCÍA ARENAS: Dos caras de una misma expulsión: El destierro de los jesuitas portugueses y la reclusión de los misioneros alemanes, in: *Hispania Sacra* 61/123 (2009), 227–256, aqui: 233. Mais geralmente, cf. Dauril ALDEN: *The Gang of Four and the Campaign against the Jesuits in Eighteenth-Century Brazil*, in: John W. O'Malley (ed.): *The Jesuits. Cultures, sciences, and the arts 1540–1773*, vol. 2, 707–724, aqui 716.

59 Sobre o terremoto cf. Christiana EIFERT: *Das Erdbeben von Lissabon 1755. Zur Historizität einer Naturkatastrophe*, in: *Historische Zeitschrift* 273/3 (2002), 633–664; Ulrich LÖFFLER: *Lissabons Fall – Europas Schrecken. Die Deutung des Erdbebens von Lissabon im deutschsprachigen Protestantismus des 18. Jahrhunderts*, Berlin & New York 1999.

60 Kenneth MAXWELL: *Pombal: Paradox of the Enlightenment*, Cambridge 1995; Nuno Gonçalo MONTEIRO: *D. José: Na sombra de Pombal*, Lisboa 2008.

61 Wilhelm KRATZ SJ: *Der Prozess Malagrida nach den Originalakten der Inquisition im Torre do Tombo in Lissabon*, in: *Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI)* 4 (1935), 1–43, aqui: 14.

62 Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 9161 (Autos do Processo do Távoras, 1784), cf. COUO: *A expulsão dos jesuítas*, 43, No. 3; Bernhard DUHR SJ: *Der Mordversuch gegen den König von Portugal*, in: *Stimmen aus Maria-Laach* 38 (1890), 396–417; NEBGEN: *Inter spem et metum*, 315; KRATZ SJ: *Der Prozess Malagrida*, 9–34; Christine VOGEL: *Der Untergang der Gesellschaft Jesu als europäisches Medienereignis (1758–1773). Publizistische Debatten im Spannungsfeld von Aufklärung und Gegen-aufklärung (Veröffentlichungen des Instituts für Europäische Geschichte Mainz 207: Abteilung für Universalgeschichte)*, Mainz 2006, 46–49.

cardeal e inquisidor-geral Paulo de Carvalho e Mendonça (1702–1770), um outro irmão do Pombal, que foi responsável pela inquisição em Portugal desde 1760, que acusou Malagrida de falso profeta, anti-cristo, impostor e, o mais grave, de ser um herege. Enquanto Hundertpfund pôde escapar nos distúrbios políticos já em Maio de 1756, o seu amigo Malagrida foi enforcado seis anos depois um auto-de-fé, no Rossio no 21 de Setembro de 1761.⁶³ Esse ato brutal ilustra o anti-jesuítismo crescente em toda Europa, o que resultou na dissolução da Ordem em 1773.⁶⁴ Como reflexo disso, o sistema missionário entrou em colapso, causando a dispersão dos povos indígenas que habitavam em suas reduções.⁶⁵

A «*Relação abreviada da República [do Paraguai e Maranhão]*» (composto de Pombal em Lisboa, 1757) proporcionou também a expulsão dos outros jesuítas do «*Brasil pombalino*»⁶⁶, entre eles os padres Eckart, Meisterburg e Kaulen, que demonstraram posições radicalmente contrárias aos interesses administrativos de Pombal,⁶⁷ sendo assim deportados no barco «*Nossa Senhora da Atalaya*» em 28 de novembro 1757; três meses depois eles chegavam a Lisboa. No total, mais de mil padres foram deportados mais tarde ao Vaticano⁶⁸, que talvez tenha sido um

-
- 63 Depois o corpo dele foi cremado e as cinzas espalhadas no Rio Tejo, cf. VOGEL: *Der Untergang der Gesellschaft Jesu*, 48.
- 64 Stefan GATZHAMMER: Antijesuítismo Europeu. Relações político-diplomáticas e culturais entre a Baviera e Portugal (1750–1850), in: *Lusitania Sacra* 5 (1993), 159–250.
- 65 Cf. também Rafael Ale ROCHA: *Os índios oficiais na Amazônia pombalina: Sociedade, Hierarquia e Resistência (1750–1798)*, Diss. Niterói, 2009 e Francisco Jorge dos SANTOS: *Além da Conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina*, Manaus 1999.
- 66 Jorge COUTO: *O Brasil pombalino*, in: *Revista Camões* 15/16 (2003), 53–74; FERNÁNDEZ ARRILLAGA: *Deportação do Brasil, 178–180*; Francisco Malta ROMEIRAS: *The Pombaline Expulsion and the Building of Anti-Jesuitism*, in: *IDEM: Jesuits and the book of nature. Science and education in modern Portugal (Jesuit Studies, vol. 25)*, Leiden et al. 2019, 23–41.
- 67 MENDONÇA (ed.): *A Amazônia na era pombalina*, vol. 3, 119–123; 167^a Carta, escrito em Pará, 19 de Abril de 1757.
- 68 Ugo BALDINI/Gian Paolo BRIZZI (coord.): *La presenza in Italia dei gesuiti iberici espulsi. Aspetti religiosi, politici, culturali (Voci di Clio, Fonti e studi per l'età moderna 5)*, Bologna 2010; VOGEL: *Der Untergang der Gesellschaft Jesu*, 48. Sobre a perseguição dos jesuítas nas áreas espanholas cf. Maria Susana CIPOLETTI: *Fruto de melancolia, restos del naufragio: el Alto Amazonas en los escritos de los jesuítas expulsos*, in: Dietrich BRIESEMEISTER/Manfred TIETZ (ed.): *Os jesuítas espanhóis expulsos. Su imagen y su contribución al saber sobre el mundo hispánico en la Europa del siglo XVIII. Actas del coloquio internacional de Berlin (7–10 de abril de 1999)*, (Bibliotheca Ibero-Americana 76), Frankfurt am Main 2001, 237–264.

destino menos grave quando comparado àqueles que estiveram em Portugal, os quais sofreram terrivelmente durante o processo de supressão da Companhia de Jesus⁶⁹.

O calvário do nosso protagonista Eckart continuou no norte de Portugal, onde ele primeiro ficou sob confinamento domiciliar na residência São Félix, na província Entre Douro e Minho. Posteriormente, entre 1759 até 1762, esteve preso no forte Almeida, perto da fronteira com a Espanha. Todos os bens que possui foram confiscados, entre eles: «*um relógio de prata, diversas moedas do Brasil em ouro, prata e cobre, dinheiro portugues, um compasso, um relictária de prata e um tinteiro*».⁷⁰

Na eclosão de guerra entre Portugal e Espanha, os primeiros foram desalojados para o forte São Julião da Barra, perto de Oeiras (Fig. 3), onde hoje fica a praia da Torre.⁷¹ Mais de 100 jesuítas⁷², de várias partes do mundo, ficaram presos lá por mais de 15 anos em um cárcere subterrâneo, sem acesso a luz do dia; durante o confinamento, 37 clérigos morreram devido as péssimas condições higiênicas⁷³, como, por exemplo, o Padre João Daniel SJ (1722–1776), autor do famoso «*Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas*», obra que narra sua missão, populações indígenas, geografia, economia, flora e fauna da Amazônia,

69 L. RODRIGUEZ: As prisões e o destino dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão: narrativa apologética, paradigma de resistência ao antijesuitismo, in: *Clio: Revista de Pesquisa Histórica* 27/1 (2009), 9–45.

70 NEBGEN: *Inter spem et metum*, 317 citando *Archivo Nacional Torre de Tombo* (ANTT, Lisboa), *Ministerio dos Negócios Ecclesiasticos e da Justiça*, maço 60, n. 1: *Memória do dinheiro e trastes pertencentes aos Padres que se entregaram a Joze Mangas Villa Forle em 19 de Novembro de 1759*.

71 Cf. por exemplo a «*Relação dos Presos Jesuitas que axam nésa Fortaleza de S. Julião da Barra Em 20 de Junho 1768*» no *Arquivo Nacional da Torre de Tombo* (ANTT), MNEJ [Ministério dos Negócios Ecclesiasticos e de Justiça de Lisboa] m. 57 n. 1 (0163–0169). Esse documento lista 33 presos.

72 Cf. o *Catálogo dos religiosos da companhia de Jesus presos nas masmorras Pombalinas ou Mortos a Caminho delas na Viagem do Ultramar para Lisboa*, in: Anselmo ECKART: *Memórias de um Jesuíta Prisoneiro de Pombal*. Tradução portuguesa directa do original latino «*Historia Persecutionis Societatis Jesu in Lusitania*», Nuremberg, 1779–1780, por Joaquim ABRANCHES SJ, com a colaboração de Ana Maria Lago da SILVA (*História da Companhia de Jesus* 5), Lisboa 1987, 247–267 que lista 212 pessoas. 119 delas foram internados no prisão de S. Julião da Barra. Em 1767, 37 prisoneiros das províncias de Portugal, Goa, Japão, China e Brasil foram postos em liberdade, num nau dinamarquesa até Génova.

73 NEBGEN: *Inter spem et metum*, 318.

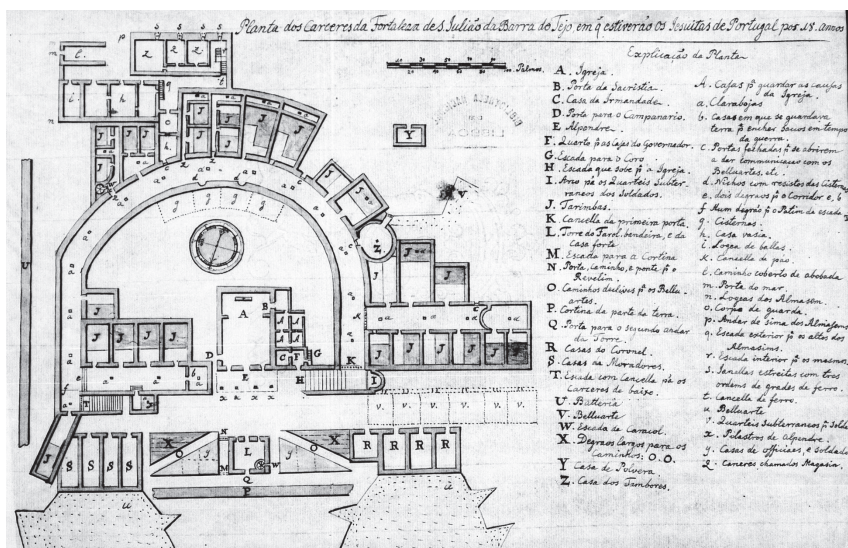


Fig. 3: «Planta dos Cárceres da Fortaleza de S. Julião da Barra do Tejo», 1777. Desenho autografado de Padre Kaulen. Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 7997, entre 74 e 75.

mas infelizmente inacabada devido ao seu falecimento.⁷⁴ Foi o Padre Kaulen que desenhou mais tarde um epitáfio para os seus confrades na sua «*Relação abreviada da Republica Jesuítica*» (Fig. 4)⁷⁵. Depois da dissolução da Companhia de Jesus na bula «*Dominus ac Redemptor*» de Papa Clemente XIV (21 de Julho de 1773) os prisioneiros também tiveram que despir as suas roupas da ordem.

74 Fernando TORRES LONDOÑO: Do Exílio, um Futuro para o Amazonas. João Daniel e o aproveitamento das riquezas do rio, in: Projeto História, São Paulo, n. 52 (Jan.-Abr. 2015), 76–111. Sobre Daniel cf. Luís RODRIGUES: «Daniel, João», in: Charles Edwards O'NEILL/Joaquín María DOMINGUEZ (coord.): Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús (DHCJ), vol. 2, Roma 2001, 1044 e Vicente Salles: Rapsódia Amazônica de João Daniel, in: João DANIEL: Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, vol. 1, Rio de Janeiro 2004, 11–35; Hélio Abranches VIOTTI: A Amazônia, a Companhia de Jesus e o padre João Daniel, in: Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro 101 (1981), 187–203.

75 Original na Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, Cod. 7997, cf. AYMORÉ: Brasilien, 294 e COUTO: A expulsão dos jesuítas, 49–50, No. 16. Esse manuscrito contém três desenhos à pena e aguarelados, desdobráveis: «*Planta dos cárceres de Almeida em que estiverão os Jesuítas. del. L. Kaulen*» (entre fol. 50 e 51); «*Planta dos cárceres da Fortaleza de S. Julião da Barra do Tejo, em q[ue] estiverão os Jesuítas de Portugal por 18 annos*» [cortado na parte inferior, onde estava escrito «P. Laur. Kaulen, e S. J. delin.



Fig. 4: Epitáfio no manuscrito de Padre Kaulen na Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 7997, entre 138 e 139: Representação do busto de S. Juliano mártir sobre um pedestal; na parte superior a insígnia da Companhia de Jesus, na parte inferior, um cárcere dentro de uma fortificação.

1777. *Ulysiip.»*] (entre fol. 74 e 75, cf. Fig. 3); representação do busto de S. Juliano mártir sobre um pedestal, adornado com a insígnia da Companhia de Jesus, e na parte inferior, um cárcere dentro de uma fortificação (entre fol. 138 e 139, cf. Fig. 4). Posteriormente o Padre Kaulen também escreveu uma longa carta para refutar as recriminações injustificadas contra a sua ordem: Lourenço KAULEN SJ: Reposta [sic] apologetica ao poema intitulado O Uruguay, composto por José Basílio da Gama, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeyras, e Marquez de Pombal, Lugano 1786, cf. COUTO: A expulsão dos jesuítas, 77, No. 77 & GLÜSENKAMP, *Das Schicksal der Jesuiten*, 203–208.

1.3.3 A liberdade de Eckart e suas primeiras atividades literárias

Os sobreviventes só foram libertos no ano de 1777.⁷⁶ Depois da morte do Rei D. José I (23.02.1777) assumiu o trono sua filha, Dona Maria I (r. 1777–1815) e o seu marido D. Pedro III (r. 1777–1786), que detestavam o Marquês e o dispensaram de seus serviços. Alguns meses depois, em Junho, finalmente, 11 padres alemães puderam respirar o bom ar de liberdade; oito deles deixaram importantes documentos literários (letras, memórias etc.) sobre a detenção (como a «*Suspíria Captivorum*» de Padre Meisterburg⁷⁷), mas também sobre as suas atividades e a natureza amazônica.⁷⁸ O Padre Eckart (agora com 56 anos de idade e com problemas da visão por causa do seu longo tempo na prisão) retornou a sua pátria alemã através de Génova, Milão e Munique, onde foi recebido pelo Eleitor da Baviera.⁷⁹ Os próximos anos (vivendo na casa do seu irmão mais velho, Heinrich Christian Adam [*1719], cônego e alto funcionário a serviço do Eleitor de Mogúncia, no Bingen/Renânia)⁸⁰ pôde finalmente reunir seus conhecimentos em história natural e etnográficos adquiridos durante sua viagem pela Amazônia, bem como suas memórias sobre o tempo em reclusão em Lisboa.

Mas no ano 1792 ele teve que fugir de novo – dessa vez das armas da revolução francesa, após a ocupação da Renânia.⁸¹ Ele foi para Nuremberg, onde ficou por algum tempo na casa do polímato e pensionário reformado bávaro Christoph Gottlieb von Murr (1733–1811)⁸², que havia publicado muitas obras jesuíticas nos seus «*Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Literatur*» (Nuremberg, 1775–89), entre eles também a obra de Eckart, a «*História Persecutionis Societatis Jesu in Lusitania*», publicada em Nuremberg entre 1779 e 1803.⁸³

76 ECKART: Memórias de um Jesuíta Prisioneiro de Pombal, 223–224.

77 GLÜSENKAMP, Das Schicksal der Jesuiten, 190–193.

78 TORRES LONDOÑO: Do Exílio, um Futuro para o Amazonas, 85–88 compara «três presenças e três sentidos para a escrita dos jesuítas no exílio».

79 ECKART: Memórias de um Jesuíta Prisioneiro de Pombal, 223–240; FERNÁNDEZ ARRILLAGA: Deportação do Brasil, 186.

80 NEBGEN: Inter spem et metum, 299.

81 GLÜSENKAMP, Das Schicksal der Jesuiten, 152.

82 Claudia von COLLANI: The German protestant scholar Christoph Gottlieb von Murr (1733–1811) and his defence of the suppressed Society of Jesus, in: Archivum historicum Societatis Iesu 85, fasc. 169 (2016), 43–95; Peter WOLF: Protestantischer Jesuitismus im Zeitalter der Aufklärung. Christoph Gottlieb von Murr (1733–1811) und die Jesuiten, in: Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte 62 (1999), 99–137.

83 Publicado in: Christoph Gottlieb von MURR (ed.): Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Literatur, vol. 7 (1779), 293–320 («R. P. A. E. Historia Persecutionis Societatis Iesu in Lusitania»), vol. 8 (1781) 81–288 («Continuatio Historiae

Essa famosa obra posteriormente foi traduzida em espanhol, francês e português.⁸⁴

1.3.4 *O crepúsculo de sua Vida*

Mas todos os caminhos andam finalmente para Augsburg, onde também realizou-se o segundo encontro histórico dentro no 13º Congresso Internacional da Associação Alemã de Lusitanistas em 2019. O Padre Eckart também trabalhou nessa cidade suábia, entre 12 de Maio 1797 até Junho 1803, no colégio St. Salvador.⁸⁵ Depois a publicação da breve papal «*Catholicae fidei*» (1801) o agora ancião mudou-se (junto com dois confrades) uma última vez para Bielorrússia onde a Companhia de Jesus não sofreu proibições.⁸⁶ Malgrado a denúncia do Padre Dionys Hangel, de Hohenwarth/Baviera, o pequeno grupo de ex-jesuítas puderam continuar a viagem via Vienna até o Colégio de Polatsk. O «global player» Eckart, que renovou a sua promessa e até o fim da vida realizou assistência religiosa com grande entusiasmo, terminou os dias de sua excitante vida em Dünaburg/Daugavpils (hoje Letónia) no dia 29 Junho de 1809, com então 88 anos.⁸⁷

2. As obras de Eckart

Entre seus numerosos documentos, que nos permitem contemplar sua trajetória – a qual apenas vislumbramos no presente estudo⁸⁸ devemos mencionar dois

Persecutionis S.ocietatis Jesu in Lusitania) e vol. 9 (1782), 113–254 («*Finis Historiae SJ in Lusitania*»). Cf. ANTONIO PORRO: Uma crônica ignorada: Anselm Eckart e a Amazônia setecentista, in: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, vol. 6/3 (2011), 575–592.

84 ECKART: Memórias de um Jesuíta Prisioneiro de Pombal, 10–11.

85 GLÜSENKAMP, Das Schicksal der Jesuiten, 152 e Stadtarchiv Augsburg, Akten des Jesuitenkollegs 69 [Verzeichnis des gesamten Personals vom 1. November 1801]: «*Eckart, Anselmus L. B. geboren zu Mering [sic!] 4. Aug. 1721; vormals missionarius in America, und über 15 Jahre gefangener zu Lissabon in carcere S. Juliani; in das collegium gekom(m) en 12. maj 1797. Giebt das kostgeld und versieht den beichtstuhl*». Os autores agradecem Michael SCHWAB, M.A. (Arquivo municipal de Augsburg) para essa informação.

86 MAREK INGLOT: Rapporti fra gli esiliati e la Compagnia in Russia: alcune indicazioni per la ricerca, in: BALDINI/BRIZZI (coord.): La presenza in Italia dei gesuiti iberici espulsi, 495–508.

87 AYMORÉ: Brasilien, 250.

88 Uma visão geral é apresentada em AYMORÉ: Brasilien, 251–254 e LEITE SJ: História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. 8, Lisboa 1949, 204–207. Nós planeamos trabalhar mais sobre essas fontes documentais em breve.

manuscritos («*Descriptio et famosi itineris ad propugnaculum Almeidäense et famosi ibidem carceris et pomposæ deportationis ad Arcem Julianæm*», ca. 1777, preservado no Arquivo da província centro-europeia dos Jesuítas em Munique)⁸⁹, sobre os estabelecimentos prisionais em Portugal, junto com a famosa impressão *História Persecutionis Societatis Jesu in Lusitania* e um outro livro contra o Marquês de Pombal («*R. P. A. E. Notae non nullae in Pombalii Vitam. Italice scriptam ac Germanice redditam*», escrito ca. 1780/81).⁹⁰

2.1 O manuscrito no Torre do Tombo

Além disso, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, está também preservado um manuscrito muito interessante: Os «*Papéis apreendidos do Padre Anselmo Eckart*»⁹¹. Esta é uma miscelânea dos vários documentos, que contêm 18 itens em mais de 200 folhas, confiscados em 1759, durante o seu confinamento na fortaleza portuguesa de Almeida.⁹² Entre os itens, constam sua expulsão em 26 de Novembro 1757 (Fig. 5)⁹³; algumas cartas, como as do seu irmão Johann Georg Eckart (1723–1791, posteriormente, em 1769, designado como bispo auxiliar em Mogúncia); um resumo da tese teológica de Eckart, feita em Mogúncia, em 1º de Dezembro de 1751 (Fig. 6)⁹⁴; além de

89 Archiv der Zentraleuropäischen Provinz der Jesuiten (APECESJ), Munique, Abt. 42, Nr. 16, 99–115 (antigamente: ADPSJ, Abt. 0, Nr. VI, agora digitalizado: http://provinz.archiv.jesuiten.org/objekt_start.fau?prj=ifaust9_findbuch_hs&dm=APECESJ&ref=19526) e cópia no Arquivo da Província de Portugal SJ (APPSJ), Lisboa, Mappa 3, cf. LEITE SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 8, Lisboa 1949, 207.

90 Publicado in: Christoph Gottlieb von MURR (ed.): *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Literatur*, vol. 12, Nürnberg 1784, 286–299.

91 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), MNEJ [Ministério dos Negócios Eclesiásticas e de Justiça de Lisboa] m. 59 n. 4, cf. PAPAVERO/PORRO: Anselm Eckart, S. J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista, Apêndice III, 319–323 e Karl Heinz Arenz: O «Tapuitinga» Anselm Eckart e os índios na Amazônia portuguesa: representações e mediações (1753–1757) [Palestra no ANPUH – Brasil, 30º Simpósio Nacional de História, Recife 2019], 8–14.

92 AYMORÉ: *Brasilien*, 252 supôs que esses documentos foram confiscados já no fim de 1757, mas PAPAVERO/PORRO: Anselm Eckart, S. J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista, 319 ao comparar com ECKART: *Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien*, 562 comprovaram que esses documentos só foram tirados em 1759.

93 ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0091.

94 ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0214.

diversas outras notícias, como por exemplo a «*Miscellanea Sacra, et Profana*»⁹⁵ e o «*Catalogus Librorum*» (Fig. 7)⁹⁶, lista esta composta antes de sua missão. Ademais consta a folha de um livro alemão mostrando uma figura sobre como saber as horas do dia com a projeção dos raios solares em sua mão (Fig. 8), o que possivelmente foi importante em sua missão na Amazônia. Infelizmente alguns itens arrolados na lista não mais fazem parte da coleção: falta o livro do Padre Malagrida que foi censurado e queimado pela Real Meza Censoria (1772), um texto sobre o rei D. Sebastião atribuído ao Padre Vieira, o catecismo de Betten-dorff de 1687, uma lista dos padres de Maranhão e também, aparentemente, um diálogo de doutrina «na língua das nações Ariquena e Baré» que Eckart fez quando esteve em Abacaxis.⁹⁷

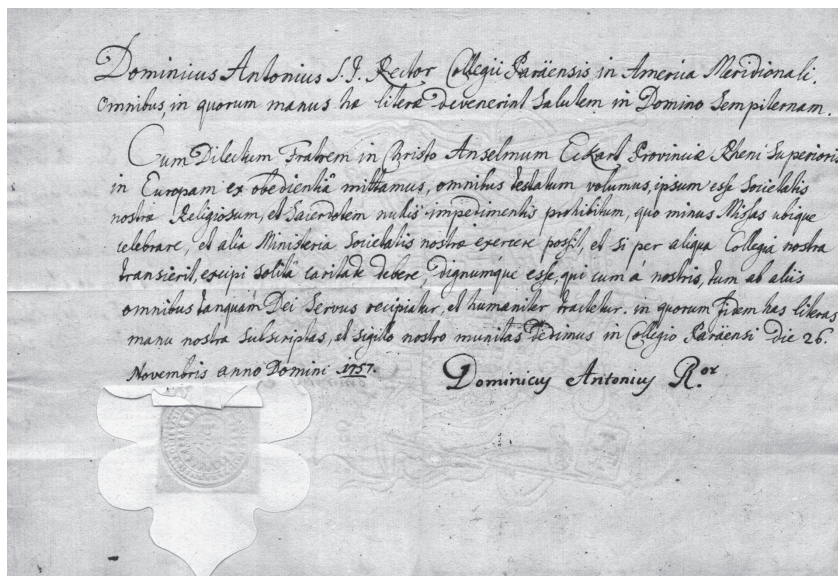


Fig. 5: Carta de Dominicus Antonius S.J., Rector do colégio no Pará com a expulsão do Padre Eckart, 26 de Novembro 1757 (ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0091).

95 ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0032–0035.

96 ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0128.

97 PAPAVERO/PORRO: Anselm Eckart, S. J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista, Apêndice III, 319–323.

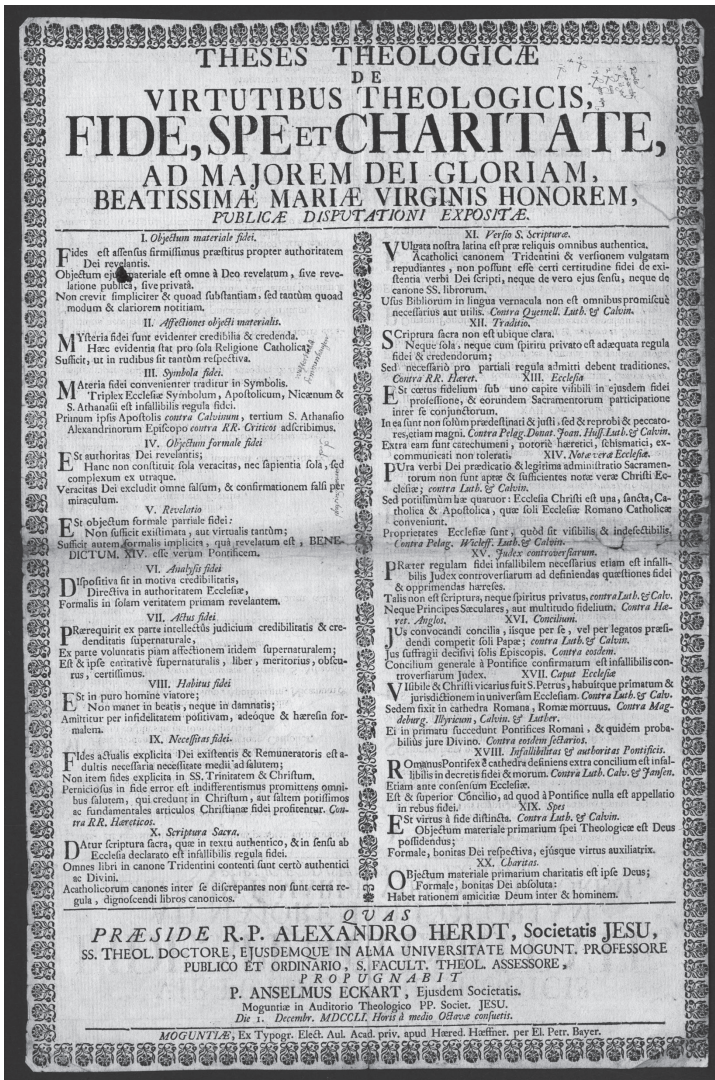


Fig. 6: Tese teológica de Padre Eckart, feita em Mogúncia, em 1º de Dezembro de 1751 (ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0214).

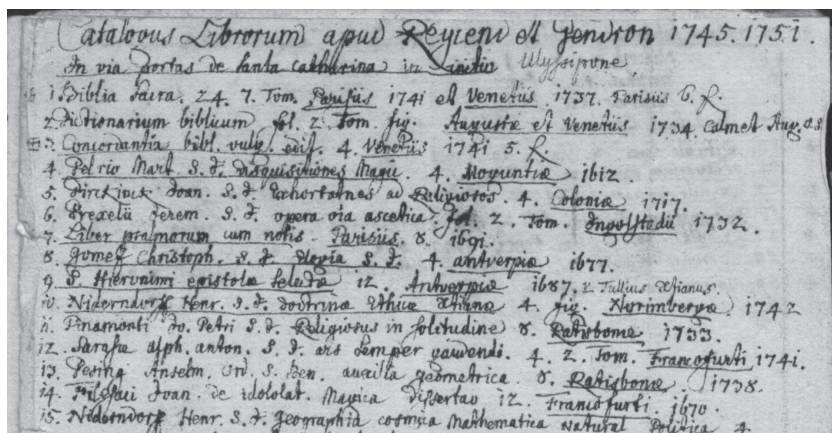


Fig. 7: Detalhe do «Catalogus Librorum» nos «Papéis apreendidos do Padre Anselmo Eckart» (ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0128).

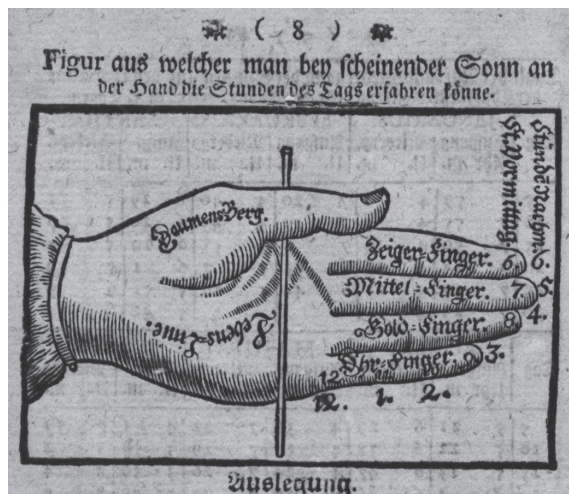


Fig. 8: Detalhe da Folha de um livro alemão mostrando a figura de uma mão com a projeção dos raios solares para saber as horas do dia. «Papéis apreendidos do Padre Anselmo Eckart» (ANTT, MNEJ m. 59 cx. 48 n. 4, 0144).

2.2 As descrições zoológicas e outras obras

Um elemento relevante de seus textos são as notas sobre a flora, fauna e população a qual esteve em contato na Amazônia. Ao longo de sua missão, Eckart detalhou minuciosamente as diversas espécies animais, vegetais, populações, costumes e práticas médicas, produzindo um panorama bastante detalhado da natureza amazônica e sua população nativa no século XVIII.⁹⁸ Essas descrições biológicas, zoológicas⁹⁹ e etnográficas são importantes fontes escritas sobre essa região. Ademais, o seu livro «*Specimen Linguae Brasiliae Vulgaris*», publicado 1778/1779 por Murr¹⁰⁰, apresenta uma gramática da língua Tupi que Eckart produziu na missão entre 1753 e 1757. Ainda sobre a etnografia e etnolinguística amazônica, também se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal um manuscrito sem datação intitulado «*o Vocabulario da lingua Brasil*» que foi doado ao primeiro bibliotecário de Real Biblioteca Pública da Corte, António Ribeiro dos Santos (1745–1818).¹⁰¹ Sobre esse último texto, o biólogo e historiador brasileiro Nelson Papavero comparou-o com outro texto de Eckart que se encontra na Academia de Ciências de Lisboa (no. 569)¹⁰² além de um manuscrito datado em 1756 no Trier, que foi escrito por Padre Meisterburg como um novo estudo comprova¹⁰³. Papavero observou que esses três manuscritos estão

98 Uma parte dos manuscritos de Eckart na Torre do Tombo (fol. 1e até 18d; 001-0028) mostra uma lista de objetos, produtos usados como matéria médica e outros. Cf. a transcrição diplomática e tradução de Abner Chiquieri no livro de PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, Apêndice IV, 325–332.

99 PAPAVERO et al., As notas do Padre Anselm Eckart, 593–609 também analisou as correções de Eckart no relatório de viagem de Pedro Cudena (publicado em Braunschweig 1781).

100 Publicado in: Christoph Gottlieb von MURR (ed.): *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Literatur*, vol. 6, Nürnberg 1778, 195–213 e vol. 7, Nürnberg 1779, 121–122.

101 Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 3143, F. R. 1206, cf. Nelson PAPAVERO: Nomes de animais em três manuscritos jesuíticos em língua geral do século XVIII (Eckart, MA 569 da Academia de Ciências de Lisboa e manuscrito da Universidade de Trier), in: *Arquivos de Zoologia* 46/1 (2015), 1–39, aqui: 2 e PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, Apêndice IV, 335–351, aqui: 337–339 e 340, figura 40.

102 PAPAVERO: Nomes de animais em três manuscritos jesuíticos, esp. 2–22.

103 Jean-Claude MULLER: Die Identifizierung eines Sprachschatzes in der Trierer Stadtbibliothek, das jesuitische Wörterbuch Alt-Tupí/Portugiesisch, in: *Kurtrierisches Jahrbuch* 52 (2012), 371–387; Jean-Claude MULLER, Wolf DIETRICH, Ruth MONSERAT, Karl-Heinz ARENZ e Gabriel PRUDENTE (Org.): *Dicionário de Língua Geral Amazônica*. Manuscrito anônimo e sem título, Ms. no 1136/2048 4° da Biblioteca

diretamente relacionados, sendo que apresentam «19 sinapomorfias (primeiras citações de nomes de animais em Língua Geral ou grafias exclusivas de nomes seja em português seja em Língua Geral), diferindo de todos os outros vocabulários escritos por jesuítas no Estado do Brasil ou no Estado do Grã-Pará. O Vocabulário de Eckart e o Manuscrito de Trier apresentam, por sua vez, muitas semelhanças, diferindo do Manuscrito no. 569 da Academia de Ciências de Lisboa»¹⁰⁴.

O conhecimento da Amazônia pelos europeus começa ainda na primeira metade do século XVII, com o manuscrito «*História dos animais e árvores do Maranhão*», escrito entre 1625 e 1631 em São Luís pelo franciscano Cristóvão de Lisboa (1583–1652).¹⁰⁵ Ao contrário do trabalho de Eckart, o manuscrito de Cristóvão é estampado com diversas imagens da flora e fauna do Maranhão¹⁰⁶; uma fonte ainda mais antiga é a «*Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines*» (Paris, 1614), compilado de capuchino e entomólogo francês Claude d'Abbeville († 1632), que deu-nos as primeiras informações da fauna maranhense, descrevendo no capítulo 39 de seu trabalho 61 espécies de aves.¹⁰⁷

Municipal de Trier, Alemanha. Missão de Piraguiri, Baixo Xingu, antes de 1756, Potsdam e Museu Paraense Emílio Goeldi 2019.

104 PAPAVERO: Nomes de animais em três manuscritos jesuíticos, 30 [Resumo].

105 Sobre Cristóvão cf. Luís Filipe Marques de SOUSA: Frei Cristóvão de Lisboa (1583–1652). Vida e Obra do primeiro custódio de Maranhão (trabalhos apostólicos, historiografia e primeiros estudos de zoologia amazônica). Comunicação ao Congresso Internacional sobre os Franciscanos em Portugal e no Mundo, Lisboa 27 a 29 Julho de 2011 [manuscrito de 55 páginas, online no academia.edu de autor]; Venântio (Venâncio) WILLEKE O.F.M.: Christoph Severim von Lissabon (T 1652) und sein Hauptwerck, in: Archivum Franciscanum historicum: periodica publ. trimestris cura PP. Coll. D. Bonaventurae (Juli-Dezember 1970), 352–376.

106 O manuscrito está preservado no Arquivo Histórico Ultramarino (PT/AHU/CU/072/01660) e contém no total 156 desenhos de aves, peixes e plantas. Primeira edição: Fr. Cristóvão LISBOA: História dos Animais e Árvores do Maranhão, 2 vols., Curitiba 1968 [nova edição: Lisboa 2000 por a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses].

107 Claude d'ABBEVILLE: Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines, Paris 1614, esp. 230–243; cf. a tradução de Sérgio MILLIET: História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças (Edições de Senado Federal 105), Brasília 2008. Compara também David C. OREN: As aves maranhenses do manuscrito (1625–1631) de Frei Cristóvão de Lisboa, in: Ararajuba 1 (1990), 43–56, aqui: 43.

Apesar de ser uma obra pouco divulgada ao longo dos séculos subsequentes, o grande mérito da «*História dos Animais e Árvores do Maranhão*» de Cristóvão de Lisboa é seu caráter pioneiro no estudo da flora e fauna brasileira, predecessor ao trabalho de Georg Marcgrave (1610–1644) e Willem/Guilherme Piso (1611–1678) durante a presença neerlandesa no litoral nordestino brasileiro, que erroneamente foi considerado pela historiografia tradicional como primeiro esforço científico de descrição natural do Brasil.¹⁰⁸

Um aspecto interessante sobre as descrições naturais realizadas por Eckart é a marcante ausência de referenciais científicos ao longo do texto. O autor não cita naturalistas ou obras filosófico-naturais clássicas ao longo das descrições que fez sobre a fauna e flora amazônica. Assim, o discurso de autoridade sobre o conteúdo exposto em seu texto se legitima por duas maneiras distintas: através do empirismo e da reprodução do conhecimento autóctone. Se de um lado o jesuíta somente escreve sobre o que efetivamente entrou em contato direto, por outro os conhecimentos e usos indígenas sobre as plantas e animais, suas particularidades e perigos aparecem frequentemente como forma de corroborar as afirmações de seu texto.

Por exemplo, podemos ver como a autoridade indígena sobre o mundo natural amazônico é evocada quando Eckart disserta a respeito da «*tombúra*», animal descrito como uma «espécie de pulga que persegue os pés»¹⁰⁹. Prosseguiu o autor dizendo que era necessário tomar muito cuidado com elas, pois podem fazer buracos nos pés tão grandes quanto ervilhas, porém «*os jovens americanos sabem como tirar, com grande habilidade, com a ponta de uma pequena faca*» e após tiradas as «*tombúras*», aplicam no local tabaco «*e em poucos dias a ferida esta curada*»¹¹⁰. Dessa forma, Eckart sinaliza como deve ser realizada a correta maneira de retirada e tratamento terapêutico da «*tombúra*», utilizando-se do conhecimento autóctone para legitimar suas afirmações.

108 Argus Vasconcelos de ALEMIDA (ed.): D. Bento José PICKEL: Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marggrave no Século XVII, Recife 2008; Rodolpho von IHERING: George Marcgrave: o primeiro sabio que veiu estudar a natureza do Brazil, in: Revista do Museu Paulista IX (1914), p. 307–315; Lipke B. HOLTHUIS: Marcgraf's (1648) Brazilian Crustacea, in: Zoologische Verhandelingen 268 (1991), 1–123.

109 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 105 e 259; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 559: «*Tomburá, eine Art von einem Flohe. Dieser verfolget besonders die Füße*».

110 *Ibidem*, 105 e 259. ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 559: «*Die amerikanischen Jungen wissen mit der Spitze eines kleinen Messers gar geschickt diesen Floh herauszunehmen; des andern Tags thut es ihm schon weniger weh; und nach mehrern Tagen spüret er gar nichts mehr*».

Entre as diversas classes e espécies de animais relatados, é importante sublinhar a grande quantidade de insetos referidos por Eckart.¹¹¹ Mesmo em 1785, quase trinta anos após ter deixado de maneira forçada a Amazônia, ele lembrava-se de uma espécie de besouro que «os portugueses dizem *Bará-tta*»: Uma noite em Trocano, ele entrou «com uma vela acesa num comodo em que havia um monte de trigo turco ou Milho» e «estava todo recoberto por essa praga, de modo que não se percebia».¹¹² Outro aspecto relevante sobre as descrições naturais do padre Eckart são os critérios de categorização por ele adotados. Primeiramente, utilizando as descrições zoológicas como exemplo, os animais não foram divididos segundo as normativas científicas então utilizadas na época. Antes, Eckart elenca-os de maneira menos complexa, agrupando-os em categorias genéricas, com clara influência do conhecimento autóctone. Por isso, os animais são apresentados em categorias como: animais quadrupedes, peixes, insetos e vermes, anfíbios, pássaros etc.¹¹³

Ainda sobre a categorização zoológica, o utilitarismo aparece como elemento de suma importância em suas descrições. As suas descrições zoológicas, ainda que não seja algo explicitado pelo autor, podem ser divididas em três categorias distintas: animais próprios para alimentação, animais perigosos e animais com propriedades medicinais.

Como exemplo de animais para alimentação, destacamos «o peixe muito grande *piraricú*», o qual o autor afirma ser «comida rudimentar como nosso *bacalhau*»¹¹⁴; e o «peixe-boy», que tem a carne «como a do porco» e pode ser comido assado, frito ou defumado; «*dela também se faz chouriço*»¹¹⁵. Além

111 *Ibidem*, 104–105 e 257–258.

112 ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 558–559: «*In Trocano kam ich einsmals des Abends mit einem Lichte in eine Kammer, allwo ein Haufen von dem türkischen Weitzen oder Milho lag. Es war alles mit diesem Ungeziefer überzogen, daß man nichts von der Farbe des Weizens wahrgenommen; auf einmal verschwand, oder vielmehr verkrochen sich alle diese schwarzen Käfer*».

113 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, Apêndice IV, 325–332.

114 *Ibidem*, 103 e 255. ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 555: «*Es ist sonst eine grobe Speise, gleichwie unser Stockfisch, oder vielmehr der in Portugal und anderswo bekannte, und schier tägliche bacalhão*».

115 *Ibidem*, 103 e 255. ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 554: «*Das Fleisch kann zubereitet werden wie von einem Schweine, gesotten, gebraten, geräuchert. Es werden davon auch Würste gemacht*». Sobre esse animais cf. as obras de Cristina Brito (Universidade Nova de Lisboa) como Nina VIEIRA/Cristina BRITO: Brazilian manatees (re)discovered: Early modern accounts

de sua capacidade de servir de alimento, os peixe-boi também serviam como remédios. Afirma Eckart que em ambas orelhas ele possui um pequeno osso comprido que, pulverizado, «*parece ter o poder de curar a febre*».¹¹⁶

As descrições dos animais que poderiam servir de alimento eram de vital importância para a sobrevivência de qualquer explorador europeu que estivesse na região amazônica, e é relevante perceber como Eckart deu grande importância aos animais aquáticos que serviam de alimento. Como mostrado por Marlon Marcel Fiori e Christian Fausto Moraes dos Santos em «A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia», em face da inexistência dos animais terrestres aos quais os europeus estavam habituados a comer, como javalis e veados, abundavam nos rios e lagos uma grande quantidade de espécies animais que serviam como alimento.¹¹⁷

Entre os animais perigosos citados por Eckart, destacamos o jacaré, o qual Eckart afirma ser «*um predador imenso, horrível e feroz*»¹¹⁸; e as serpentes, como a «*Boí guaçu*» (do tupi/guarani «*boi*» serpente, «*açu*» grande), espécie a qual o jesuíta viu numa Fazenda do Pará um menino ser atacado, salvando-se apenas após um pedaço do braço ser amputado (possivelmente uma espécie do gênero *Bothrops*, vulgarmente conhecida como *jararaca*).¹¹⁹

Outro que também expressou grande preocupação com as cobras da Amazônia foi o padre jesuíta português João Daniel SJ, missionário no Rio Tapajós e Amazonas no mesmo período de Eckart, igualmente preso por ordem de Pombal. A sua obra «*Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas*» (em grande

reflecting the overexploitation of aquatic resources and the emergence of conservation concerns, in: *International Journal of Maritime History* 29/3 (2017), 513–528.

116 ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 554: «*Er hat in beyden Ohren ein kleines längliches Bein, so medicinal ist. Zerstoßen soll es die Kraft geben, das Fieber zu vertreiben*».

117 Marlon Marcel FIORI/Christian Fausto Moraes dos SANTOS: A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia, Porto Alegre 2015, 22.

118 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 101–102 e 249–250; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 549–550 menciona também que ele viu no Pará em 1753 durante a sua primeira visita ao Governador Mendonça Furtado na antessala dele um Jacaré esfolado e empalhado.

119 *Ibidem*, 102 e 253; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 553: «*Auf einem Landgute bei Pará, wo ich zugegen war, suchte ein Knabe etwas in dem Grase, und fing auf einmal an jämmerlich zu schreyen, wegen eines tödlichen Schlangenbisses. Hand und Arm liefen ihm entsetzlich auf, und fiengen an ganz schwarz zu werden. Ganze Stücke Fleisch mußten sogleich abgeschnitten werden, um ihm das Leben zu retten*».

parte escrita na prisão entre 1759 e 1776) preservado em seis volumes manuscritos.¹²⁰ O texto de Daniel, escrito em terceira pessoa e de conteúdo mais formal que um relato de viagem, permaneceu inacabado com sua morte no cárcere em 1776.¹²¹ Afirmou João Daniel que «a maior praga que criam as matas do rio Amazonas são as cobras, não só pela multidão, mas também pela variedade, e mortífera atividade dos seus venenos»¹²². A preocupação dos jesuítas na Amazônia não era sem motivo. Seja pelas suas dimensões avantajadas ou a violência de sua peçonha, desde o início da colonização portuguesa no Novo Mundo as cobras foram descritas com um misto de espanto e medo pelos europeus¹²³.

Entre os animais com propriedades medicinais citados por Eckart, destacamos o grilo «ikejú», que também de suas pernas torradas se preparavam um pó «muito bom contra retenção de urina»¹²⁴ e o sapo «mocotó», «cujas pernas teriam um poder maravilhoso de proteger contra veneno»¹²⁵. Esse sapo também é referido pelo padre João Daniel, que também identifica nele grande valor medicinal. Afirmou o «Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas» que tem muita «estimação pelos osso dos pés, por serem grande contravenoso»¹²⁶, porém não sabe explicar a razão desta propriedade terapêutica encontrada no sapo.

120 Desde 1808, cinco cadernos estão preservados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; o sexto encontra-se na Biblioteca em Évora, cf. TORRES LONDOÑO: Do Exílio, um Futuro para o Amazonas, 102. A obra foi reunida em impressa pela primeira vez em 1976 e depois com uma nova edição em 2004: DANIEL: Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, 2 vols.

121 Serafim LEITE SJ: João Daniel, autor do «Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas», in: Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 63 (1942), 79–87.

122 DANIEL: Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, vol. 1, 251–256 [«Das cobras do Amazonas»], aqui: 251.

123 Christian Fausto Moraes de SANTOS/Wellington Bernardelli SILVA FILHO/Eulalia Maria Aparecida de MORAES: Basiliscos que matam com o olhar e cobras que empalam com a cauda: as serpentes não peçonhentas na América portuguesa do século XVI, in: HIB: Revista de Historia Iberoamericana 6 (2013), 131–148.

124 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 106 e 261; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 561: «Ikejú ist eine Gattung von einer Grille. Sie ist ein sehr gutes Mittel gegen die Harnstrenge, wenn nur zween Füße von solcher gedörret, zu Pulver gestoßen, und also genommen werden».

125 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 102 e 253; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 553: «Mocotó ist eine amerikanische Kröte, deren Beine eine wunderbare Kraft haben sollen, daß einem, der sie an dem Leibe trägt, kein Gift kann beygebracht werden».

126 DANIEL: Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, vol. 1, 237.

Todavia, existe ainda um grupo menor de animais que não se encaixam na categoria utilitária acima relatada. No caso, são um grupo de animais que Eckart elenca em seu texto por seu caráter exótico. Entre tais animais, destaca-se a preguiça. No texto, ele diz que a preguiça é «*um animal feio, uma alegoria, como se diz, dos brasileiros preguiçosos*» tendo em conta que «*precisa de muito esforço para subir numa árvore*». Por fim, encerra sua descrição dizendo que sua feição «*parece ser semelhante a um gato*».¹²⁷ Dessa forma, o texto de Eckart não imputa a preguiça qualquer sinalização de perigo ou propriedade, seja alimentícia ou medicinal. Todavia, aparentemente o autor a descreve unicamente por ser um animal próprio da região e completamente distinto de tudo que ele tinha visto anteriormente.

Outros animais que aparecem por várias vezes no texto devido sua exotividade são os papagaios («*Real de Portugal*»), que Eckart já havia visto em Lisboa porque ele indica «*uma ruazinha chamada rua dos papagayos*»¹²⁸. De fato, tais aves encantaram o Velho Mundo com suas penas coloridas e a prodigiosa capacidade de repetir longas e numerosas frases quando eram ensinados, tornando-se um item comercialmente lucrativo no comércio ultramarino. Uma passagem de Eckart ilustra bem como tais animais eram valorizados pelos comerciantes, sendo carregados algumas vezes aos milhares até os portos e enviados a Europa. Escreveu o jesuíta que no navio mercante ao qual viajou entre o Maranhão e o Pará, em 1753, «*tinha ambos os lados ocupados por essas belas aves que, quando começavam a gritar juntas, impediam que se ouvisse a própria voz*»¹²⁹. Além da capacidade de imitar a voz humana, as penas dos papagaios também eram valorizadas no comércio ultramarino. Afirmou o jesuíta, sem precisar o nome, que uma dada espécie de penas amarelo-douradas costumam ser esfoladas e «*a pele com as plumas é enviada para Lisboa*»¹³⁰ para que sirvam de matéria-prima nos

127 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 97–98 e 240–241; ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 540–541: «*Das Faulthier, Aí. Ein häßliches Thier; ein Sinnbild, wie man sagt, der faulen Brasilianer, wie auch vieler anderen, die ihnen nachfolgen. Bis solches Their einen Baum hochklettert, kostet es viele Mühe. Es soll einer Katze etwas ähnlich sein*».

128 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 99–100 e 244–246.

129 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 99 e 244. ECKART: Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien [1785], 544: «*Das Kauffahrtenschiff, in welchem ich 1753 von Maranhão auf Pará fuhr, war auf beyden Seiten so voll dieser schönen Vögel, daß, wenn sie anfiengen, zusammenzuschreyen, man sein eigenes Wort nicht verstehen konnte*».

130 *Ibidem*, 545: «*Sie pflegen ausgenommen zu werden, und wird die Haut sammt den Federn nach Lissabon gebracht. Sie dient den Frauenzimmer anstatt des Pelzes ihre Kleider auszuzieren*».

vestidos. Ele também trouxe «algumas dessas belas aves» do Novo Mundo para Portugal, mas quando ele esteve preso no forte Almeida lhe foram tiradas.¹³¹

É importante ressaltar que as informações da natureza da Amazônia descritas acima foram realizadas em 1785, oito anos após sua liberação do cárcere português. Eckart o fez sem o auxílio das notas produzidas enquanto esteve na América do Sul, tampouco dos poucos textos que conseguiu, burlando vigilância dos guardas, escrever durante os anos na prisão. Seu texto de 1785 foi escrito usando unicamente a lembrança que possuía sobre a Amazônia, seus animais, rios e povos. Fato extremamente admirável, mas que também explica a proximidade do conteúdo de seus textos quando confrontados com o livro do padre João Daniel. Não há subsídios documentais aos quais possamos nos apoiar nesta afirmação, todavia parece bastante razoável pensar que, prisioneiros por dezoito anos, eles estiveram em contato, trocando informações e rememorando as imagens idílicas da Amazônia. Possivelmente por compartilharem suas experiências por tanto tempo, o conteúdo de ambas as obras é muito semelhante.

Antes de ser preso em Almeida em 1759, Eckart teve uma série de papéis, documentos e cartas apreendidos. Entre eles, o manuscrito hoje preservado no Torre de Tombo (cf. acima 2.1) onde também versa (em Latim) sobre matéria médica, remédios e propriedades terapêuticas de espécies naturais da Amazônia. Assim como em seu texto posterior, no manuscrito ele se refere ao poder terapêutico do peixe-boi, mais propriamente dos «*ouvidos do boi marinho*», o qual diz ser usado «*contra a disenteria e várias doenças*»¹³². Além do peixe-boi, a lista fornece várias informações sobre o uso de plantas, animais e minerais com propriedades medicinais. Entre as plantas estão a «*puschariúçu*», o qual descreve como «*remédio contra dores de estômago e várias doenças*»¹³³, e o «*guaraná*», do qual o fruto e semente «*serve contra dores de cabeça, quando provém de indisposição do estômago*»¹³⁴. Entre os animais quadrúpede estão o boi, que de seus ossos queimado quando «*aplicado sobre a ferida infeccionada, extrai todo o veneno; o mesmo osso depois de mergulhado no leite, deixa aí o mesmo veneno*»¹³⁵, e o jacaré que seus dentes «*são contra veneno*»¹³⁶. Entre os minerais

131 *Ibidem*: «*Ich hatte ein paar von diesen schönen Vögeln mitgenommen; allein zu Almeida sind sie mir mit vielen Sachen hinweggenommen worden*».

132 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 332 e Manuscrito, P.17e.

133 *Ibidem*, 330 e Manuscrito, P. 10e.

134 *Ibidem*.

135 *Ibidem*, 328 e Manuscrito, P. 1 e.

136 *Ibidem*.

listados, está a «*pedra nefrítica*» de cor verde e encontrada no rio Tapajós, que era utilizada pelos povos indígenas friccionando sobre a pele do enfermo, atuando assim «*contra o entorpecimento dos membros*» auxiliando também mulheres durante o trabalho de parto.¹³⁷

3 Conclusão

Por fim, esperamos que as informações aqui compartilhadas ajude-nos a observar com maior atenção o importante papel dos jesuítas alemães na América portuguesa, papel esse por vezes pouco cotejado pela historiografia tradicional. De toda forma, as fontes documentais nos mostram o papel preponderante desempenhado pelos missionários alemães no processo de colonização europeia da Amazônia. Ainda que interrompido prematuramente devido à expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal, Eckart teve uma vida intensa na Amazônia: missionário, viajante, aventureiro e narrador da natureza tropical foram apenas alguns de suas funções durante esse período. Seus relatos, que felizmente nos últimos anos estão sendo objeto de interesse de historiadores, formam um corpo documental importantíssimo de uma testemunha ocular do processo colonizatório da Amazônia. Esperamos assim que nosso artigo seja visto como uma pequena homenagem a um alemão que, assim como Thomas Horst, também tornou-se um pouco amazonense.

137 PAPAVERO/PORRO, Anselm Eckart, 331 e Manuscrito, P. 15e.